

O exílio do hóspede na obra de Yoko Tawada

Cláudia Fernanda Pavan¹

Resumo: Experiências migrantes, embora distintas, são geralmente acompanhadas de uma sensação de exílio e ainda que seja comum pensar o exílio como uma condição político-geográfica, na qual o sujeito é ou se vê obrigado a permanecer distante do seu lar e das suas origens, ele pode, na verdade, assumir outras formas. Entre estas, é possível citar o exílio físico – quando o sujeito, independente da sua localização espacial, sente-se exilado em função do seu gênero ou da sua etnia, por exemplo. Outra forma de exílio é o exílio linguístico – quando o sujeito se encontra em uma situação na qual escolhe – ou, por alguma razão, precisa – produzir e se comunicar em uma língua que não a sua primeira. Comum a todas as formas de exílio está a estreita ligação que estabelecem com a noção de hospitalidade e também com a noção de exofonia, que se relaciona à escrita de autores que vêm de todas as partes do mundo e, ao mesmo tempo, não pertencem a lugar nenhum e que são levados a escrever em outras línguas, além da sua primeira. A escrita exofônica evidencia um deslocamento que é sim político e geográfico, mas é ainda – ou ainda mais que isso – linguístico, textual, identitário, inserindo esses autores no que Ottmar Ette (2005) denomina literatura sem morada fixa [Literatur ohne festen Wohnsitz]. A partir da análise do conto “Ein Gast” [“Um hóspede”] – obra de Yoko Tawada, na qual a protagonista japonesa vivencia uma série de estranhamentos em relação ao outro alemão, evidenciando o caráter central das noções de exílio e hospitalidade –, serão analisadas e discutidas a íntima relação entre essas noções bem como a centralidade do papel que a exofonia desempenha nessa dinâmica. Essa análise será realizada com base as reflexões teóricas de Jacques Derrida e da própria Yoko Tawada, entre outras.

Palavras-chave: Exílio; hospitalidade; exofonia; Yoko Tawada; Ein Gast.

Zusammenfassung: Migrationserfahrungen, so unterschiedlich sie auch sein mögen, gehen in der Regel mit einem Gefühl des Exils einher, und obwohl es üblich ist, Exil als einen politisch-geographischen Zustand zu verstehen, in dem man sich von seiner Heimat und seiner Herkunft entfernt oder gezwungen ist, fern zu bleiben, kann das Exil eigentlich noch andere Formen annehmen. Darunter können wir das physische Exil nennen - wenn man sich, unabhängig von seiner räumlichen Lage, z.B. aufgrund seines Geschlechts oder seiner ethnischen Zugehörigkeit im Exil fühlt. Eine andere Form des Exils ist das sprachliche Exil - wenn man sich in einer Situation befindet, in der es sich entscheidet - oder aus irgendeinem Grund benötigt -, in einer anderen als der ersten Sprache zu produzieren und zu kommunizieren. Allen Formen des Exils gemeinsam ist die enge Verbindung, die sie mit dem Begriff der Gastfreundschaft und auch mit dem Begriff der Exophonie herstellen. Letzteres bezieht sich auf das Schreiben von Autoren, die aus allen Teilen der Welt kommen und gleichzeitig nirgendwohin gehören und die dazu gebracht werden, in einer anderen als ihrer ersten Sprache zu schreiben. Das exophone Schreiben zeigt eine Bewegung, die zwar politisch und geographisch, aber dennoch – oder noch mehr – sprachlich, textuell, identitätsstiftend ist und diese Autoren in das einschließt, was Ottmar Ette (2005) Literatur ohne festen Wohnsitz nennt. Basierend auf der Analyse der Kurzgeschichte „Ein Gast“ – ein Werk von Yoko Tawada, in dem die japanische Protagonistin eine Reihe von Fremdheiten gegenüber dem anderen deutschen Ursprungs erlebt, was den zentralen Charakter der Begriffe Exil und Gastfreundschaft hervorhebt – soll die innige Beziehung zwischen diesen Begriffen analysiert und

¹ Mestre em Estudos Literários, UFRGS; UFRGS. claudia.pavan@ufrgs.br.

diskutiert werden, sowie die ebenso zentrale Rolle der Exophonie in dieser Dynamik. Diese Analyse wird unter anderem anhand der theoretischen Überlegungen von Jacques Derrida und Yoko Tawada selbst durchgeführt.

Schlüsselwörter: Exil; Gastfreundschaft; Exophonie; Yoko Tawada; Ein Gast.

Introdução

Experiências migrantes são sempre distintas. Assim, a experiência migrante de Yoko Tawada difere daquela de escritores que foram forçados ao exílio, fugindo das guerras, das ditaduras, da perseguição política, como Max Aub, Hanna Arendt, Herta Müller, Vilém Flusser. Difere ainda da experiência migrante de pessoas como Grada Kilomba – escritora, teórica e artista interdisciplinar, com origens em São Tomé e Príncipe e Angola, que traz na sua história o exílio imposto aos seus antepassados. Como muitos outros sujeitos obrigados a deixar a familiaridade de seu lar, Grada Kilomba fala da experiência de ter sua vida e seu próprio nome sequestrados:

[...] tenho também um documento da minha vó em São Tomé e Príncipe quando seu nome lhe foi retirado. [...] a colonização portuguesa usava a assimilação como estratégia: tornar-se o mais similar possível ao colonizador. Por isso, temos todos o mesmo nome e uma das formas de assimilação foi a proibição do uso dos nomes africanos. Meu nome Quilomba é o nome da minha avó. Quilomba, como quilombo também, vem do quimbundo, que é uma das línguas mais importantes em Angola. Quilombo em quimbundo quer dizer aldeia, ajuntamento [...]. Tenho uma série de nomes civis. Tentei colocar oficialmente o nome anterior de minha família, Buzie Quilomba, mas a Constituição não está preparada para a história colonial, só é permitido mudar o nome por casamento, divórcio ou adoção. [...] Não se pode recuperar um nome que foi anulado. Então, uns bons anos atrás, decidi recuperar meus nomes originais, mas como nomes artísticos, porque, apesar de serem meus nomes, não posso tê-los no passaporte (KILOMBA apud ROLNIK, 2017, n. p.).

É possível fazer algumas aproximações entre as vidas de Yoko Tawada e Grada Kilomba: mulheres, escritoras, contemporâneas, de origem não europeia, que vivem em Berlim. No entanto, os efeitos da migração são distintos para uma e para outra. Para Grada Kilomba, trata-se de uma imposição tirânica: ela não perdeu seu nome por decidir-se pelo exílio, mas através da força opressora que exilou seus antepassados e continua exilando-a, tirando-lhe o direito da escolha. Já para Yoko Tawada trata-se de uma escolha: ela escolhe permanecer na fenda, na fronteira, no espaço entre as línguas, entre culturas, entre definições rígidas: “Não quero atravessar a fenda que existe entre as línguas. Quero viver lá” (TAWADA apud TYERNEY, 2010, p. 10²).

² Do inglês: *I don't want to cross the ditch that exists between two languages," she writes, "I want to live there [tradução minha].*

Ainda que se trate de uma escolha, Yoko Tawada se vê confrontada com a sensação do exílio e com a conseqüente experiência da hospitalidade, pois essa fenda representa, como ilustra Weigel (apud ARENS, p. 64), o espaço entre “o 'não mais' e o 'ainda não'”³ e marca a cisão permanente desse sujeito, caracterizando o que Rosenfeld denominou “complexo de exílio” (apud SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 25). O sujeito ocupa logicamente um determinado espaço físico, contudo, isso não basta para que se sinta realmente completo, sua noção de pertencimento é cindida. Não se identifica mais com quem era antes de deixar sua terra natal ou, quando descendente de imigrantes, não se identifica mais com seus antepassados. Ao mesmo tempo, o outro – o “próprio”, o “nativo” – não permite que ele se identifique totalmente com o lugar no qual se encontra ou mesmo no qual nasceu.

Nesse sentido, a noção de exílio evoca uma noção de hospitalidade negativa ou o que Derrida chamou de “hostipitalidade”: uma postura de dominância incontestável, na qual a língua e a cultura do outro são ignoradas – e que caracteriza tanto o hospedeiro quanto o hóspede em termos de hostilidade, ameaça, invasão (DERRIDA, 2003).

A hospitalidade verdadeira, por outro lado, implica uma abertura exofônica, ou seja, uma abertura à experiência fora da língua primeira, uma abertura ao outro e a tudo que esse outro traz consigo. É o que Yoko Tawada realiza em sua literatura, como se pretende demonstrar a seguir, com base na análise do conto *Ein Gast* [Um hóspede] (1993/2014), a partir de algumas reflexões teóricas de Jacques Derrida sobre a noção de hospitalidade bem como de reflexões da própria Yoko Tawada, entre outras.

A escrita exofônica e o exílio

[...] o que me parece é que toca a língua alemã [...] no sentido de que a faz mover-se, de que deixa nela uma espécie de cicatriz, uma marca, uma ferida. Modifica a língua alemã, toca a língua, mas, para tocá-la, é necessário que a reconheça, não como sua língua, pois creio que a língua nunca pertence, mas como a língua com a qual escolheu expressar-se [...].

Jacques Derrida, La lengua no pertenece (2001⁴).

³ Do inglês: *'not any longer' and 'not yet'* [tradução minha].

⁴ Do espanhol: *[...] lo que me parece es que toca a la lengua alemana [...] en el sentido en que la hace moverse, en que le deja una suerte de cicatriz, de marca, de herida. Modifica la lengua alemana, toca a la lengua pero, para tocarla, es necesario que la reconozca, no como su lengua, puesto que creo que la lengua nunca pertenece, sino como la lengua con la cual ha elegido expresarse [...]* [tradução minha].

Derrida, na epígrafe acima, refere-se à escrita de Paul Celan. Essa mesma epígrafe, contudo, poderia referir-se à escrita de Yoko Tawada, que assim como Celan, elegeu a língua alemã, que não lhe pertence – pois língua nenhuma pertence –, como língua de expressão literária, na qual ela põe em prática sua escrita exofônica.

Etimologicamente, o termo *exofonia* compõe-se do radical *exo*, que corresponde ao grego *éksó* – que, como preposição, significa *fora de* e, como advérbio, *fora*, exprimindo, portanto, a ideia de ‘*fora, de fora, por fora*’ – e do pospositivo *fon(e)*: do grego *phónê*: som, voz + o sufixo *-ia*, formador de substantivos abstratos: *afonia*, *monofonia*, *polifonia*, *sinfonia*, etc. No século XX, a partir do francês *francofone* e *francofonia*, generalizou-se o uso dessa forma em várias línguas, sendo possível, na prática, formar a constelação morfológica *xfonia*, *xfono*, *xfônico* com o nome de qualquer língua: *germanofonia*/*germanófono*/*germanofônico*, *lusofonia*/*lusófono*/*lusofônico* etc.

Yoko Tawada toma a etimologia da palavra e transforma a exofonia em uma aventura, uma viagem para fora das fronteiras da primeira língua, como indica o título de seu livro *Ekusofonii, – bogo no soto e deru tabi* (IVANOVIC, 2008). Uma viagem na qual os sons de uma língua abandonam o espaço que lhes foi predeterminado para perceber e acolher outra voz – a voz do outro. A voz se faz presente, pois, numa escrita que reflete sobre o outro na língua do outro e que leva a questionar o que acontece quando a língua dessa língua “já não segue os movimentos e sonoridades da mãe, mas gera novas línguas, línguas estrangeiras?” (ETTE, 2005, p. 182⁵) [grifos do autor].

Ivanovic (2008), referindo-se ao volume de ensaios *Ekusofonii – bogo no soto e deru tabi*, publicado por Yoko Tawada em 2003, observa:

com o subtítulo explicativo *bogo no soto e deru tabi* (“Viagem fora da língua materna” ou “Viagem para além da língua materna”?), a autora procura conferir uma dimensão poética adicional à noção [de exofonia]. O subtítulo japonês não especifica tratar-se de uma ou mais viagens ou ainda do próprio percurso da viagem, mas através dele, a saída do país de origem é tematizada como saída da língua falada no país. Com isso, a própria língua – e não apenas o território de seu uso – é identificada como espaço. Tawada caracteriza, assim, a(s) viagem(ns) como um movimento translinguístico [...]. Uma vez que o movimento físico e linguístico são correspondentes, não só a língua pode ser pensada como espaço, mas também o corpo – através da língua e da fala – pode ser tematizado como espaço. “Viagem fora da língua materna” – *bogo no soto e deru tabi* – traz à tona, ainda, a recorrente reversão em seus textos da relação entre interior e exterior, especialmente com referência ao corpo físico, que, para ela, tem significado tanto existencial quanto poético: quando Tawada apresenta a língua materna como um espaço do qual se pode sair para viajar no seu “além”, faz-nos lembrar do início da “viagem da vida”, o nascimento como

⁵ Do alemão: *nicht mehr den Bewegungen und Klängen der Mutter folgt, sondern sich fremde Sprachen, fremde Zungen zweigen macht?* [tradução minha].

saída do útero. É um espaço interior que ela, como mulher “produtiva”, “tem em si”, traz dentro de si, e que procura explicitamente encenar como espaço para sua escrita (IVANOVIC, 2008, p. 224-225⁶) [grifos da autora].

Levando em conta a noção de língua e corpo como espaços, como observa Ivanovic no excerto acima, além do exílio como fenômeno espacial, é possível pensá-lo como uma condição física: quando o sujeito se sente exilado no próprio corpo, em função do seu gênero ou da sua etnia, por exemplo. Ou ainda, como uma condição linguística: quando o sujeito precisa produzir e se comunicar em uma língua que não a sua primeira e tem dificuldades para fazê-lo, sentindo-se incapaz de habitar a outra língua, exilado dentro da língua estrangeira. Talvez por isso Yoko Tawada afirme que “a fenda entre duas línguas é, para mim, mais importante do que a própria língua. Em vez de desejar ser escritora da língua A e da língua B, desejo encontrar a fenda poética entre as línguas A e B e cair dentro dela” (TAWADA apud YIU, 2016, p. 234⁷).

Embora a escolha de Yoko Tawada não a preserve do exílio, sua escrita exofônica realiza um movimento polilógico (ETTE, 2018), rejeitando verdades e posições absolutas e inabaláveis, concepções preestabelecidas e pontos de vista únicos e fixos em favor de movimentos constantemente modificados e renovados do ato de compreender o outro. Movimentos que apontam “não mais para um entendimento mediador, dialógico – na melhor das hipóteses – entre o ocaso e o nascente, entre ocidental e não ocidental, mas para uma compreensão e vivência polilógicas de um saber que jamais pode ser reduzido a uma lógica única” (ETTE, 2018, p. 28). Dessa forma, Yoko Tawada expõe, questiona e logra até diminuir a distância entre exílio e hospitalidade.

⁶ Do alemão: *Mit dem erläuternden Untertitel bogo no.soto e deru tabi (“Reisen außerhalb der Muttersprache” oder “Reisen aus der Muttersprache heraus”?) sucht die Autorin dieser Bezugnahme [Exophonie] eine weitere, poetologische, Dimension abzugewinnen. In der japanischen Formulierung ist nicht festgelegt, ob es sich um eine oder mehrere Reisen oder um den Vorgang des Reisens selbst handelt. Über den Untertitel wird das Verlassen des Landes ihrer Herkunft als ein Verlassen der dort gesprochenen Sprache thematisiert und damit die Sprache selbst — und nicht allein das Territorium ihres Gebrauchs — als Raum bestimmt. Yoko Tawada charakterisiert also die resp. das Reise(n) als eine translinguale (Sprach)bewegung [...]. Indem körperliche und sprachliche Bewegung einander korrespondieren, kann des weiteren nicht nur Sprache als Raum gedacht, sondern über die Sprache und das Sprechen auch der Körper als Raum thematisiert werden. “Reisen außerhalb der Muttersprache” — bogo no soto e deru tabi — ruft nämlich andererseits die in Yoko Tawadas Texten gerade in Bezug auf den leiblichen Körper immer wieder auftauchende Umkehr des Verhältnisses von Innen und Außen auf, was für die Autorin ebenfalls von existentieller und von poetologischer Bedeutsamkeit ist: Wenn Yoko Tawada die Muttersprache als einen Raum vorstellt, aus dem man austreten kann, um in dessen ‘Jenseits’ auf die Reise zu gehen, erinnert sie damit zweifelsohne auch an den Beginn der ‘Lebensreise’, die Geburt als ein Austreten aus der Gebärmutter. Es ist ein Innenraum, den sie als ‘produktive’ Frau sowohl ‘enthält’, in sich trägt, wie sie ihn explizit als Raum ihres Schreibens zu inszenieren sucht [tradução minha].*

⁷ Do inglês: *The gap between two languages is, to me, more important than the individual language itself. Rather than aspiring to be a writer of language A and language B, I want to find the poetic gap between languages A and B and fall right into it [tradução minha].*

Hospitalidade e exílio

A hospitalidade, em seu sentido positivo, implica uma abertura absoluta e incondicional ao outro. Não se trata de tolerância, uma vez que esta pressupõe distanciamento, resistência e hierarquia, articulando o discurso daqueles que detêm alguma forma de poder, “sempre como uma espécie de concessão condescendente” (DERRIDA, 2003, p. 137). Tolerar significa suportar algo que não se aceita incondicionalmente e que se considera inferior. A tolerância, como argumenta Derrida (2003), traz as marcas de uma guerra religiosa: cristãos devem tolerar não cristãos, católicos devem permitir que protestantes existam.

A palavra “hóspede” vem do latim *hospitem*, acusativo de *hospes*, *hospitis* e tem sua origem na raiz proto indo-europeia *ghos-ti. Da mesma raiz vem a palavra *hostis*, que, no latim antigo tinha o sentido de “estrangeiro”, mas no latim clássico passou a significar “inimigo” – sentido que permanece em palavras como “hostil” e “hostilidade”. Na Antiguidade, como elucida Benveniste (1973), o verbo *hostire* era utilizado com o mesmo sentido de *aequare* [igualar].

Ainda segundo Benveniste,

hostes eram aqueles que gozavam dos mesmos direitos que o povo romano. [...] Um *hostis* não é um estranho qualquer. Em comparação com o peregrino, que vivia fora dos limites do território, o *hostis* é “o estranho enquanto reconhecido como tendo os mesmos direitos dos cidadãos romanos.” Esse reconhecimento de direitos implica uma certa relação de reciprocidade e supõe um acordo ou pacto. [...] Estabelece-se um vínculo de igualdade e reciprocidade entre esse estranho em particular e os cidadãos de Roma, o que leva a uma noção precisa de hospitalidade. Desse ponto de vista, *hostis* passa a significar “aquele que está numa relação compensatória” e esta é precisamente a base da instituição da hospitalidade. [...] Ela fundamenta-se na ideia de que uma pessoa está ligada à outra (*hostis* implica sempre a noção de reciprocidade) pela obrigação de compensar um presente ou serviço do qual se beneficiou (BENVENISTE, 1973, p. 77⁸).

Essa reciprocidade caracterizava um sistema de compensação, um contrato, de caráter hereditário, entre comunidades ou grupos de pessoas, mas que precisava ser, de tempos em tempos, renovado através justamente de favores, trocas, presentes. Estabelecia-se assim uma amizade entre as partes envolvidas. Tratava-se, contudo, de uma amizade baseada em

⁸ Do inglês: *The hostes had the same rights as the Romans. A hostis is not a stranger in general. In contrast to the peregrinus, who lived outside the boundaries of the territory, hostis is ‘the stranger in so far as he is recognized as enjoying equal rights to those of the Roman citizens’. This recognition of rights implies a certain relation of reciprocity and supposes an agreement or compact. [...] A bond of equality and reciprocity is established between this particular stranger and the citizens of Rome, a fact which may lead to a precise notion of hospitality. [...] From this point of view hostis will signify ‘he who stands in a compensatory relationship’ and this is precisely the foundation of the institution of hospitality. [...] It is founded on the idea that a man is bound to another (hostis always involves the notion of reciprocity) by the obligation to compensate a gift or service from which he has benefited* [tradução minha].

trocas, não em sentimentos (BENVENISTE, 1973). Nesse sentido, é interessante notar que, em alemão, a noção de “hospitalidade” é representada por *Gastfreundschaft*, constituída por *Gast* [hóspede] e *Freundschaft* [amizade].

Derrida, para quem as leituras de Benveniste podem ser tão preciosas quanto problemáticas, questiona se

a hospitalidade consiste em interrogar quem chega? Ela começa pela questão endereçada a quem vem (o que parece bastante humano, amável, supondo-se que falta ligar hospitalidade ao amor- enigma que vamos deixar, por enquanto, um pouco de lado): como te chamas? diga-me teu nome, como devo chamar-te, eu que te chamo, que quero chamar-te pelo nome? como vou chamar-te? É assim também que se dirige, ternamente, às crianças ou aos amados. Ou será que a hospitalidade começa pela acolhida inquestionável, num duplo apagamento, o apagamento da questão e do nome? É mais justo e mais amável perguntar ou não perguntar? chamar pelo nome ou sem o nome? dar ou aprender um nome já dado? Oferece-se hospitalidade a um sujeito? a um sujeito identificável? a um sujeito identificável pelo nome? a um sujeito de direito? Ou a hospitalidade se torna, se dá ao outro antes que ele se identifique, antes mesmo que ele seja (posto ou suposto como tal) sujeito, sujeito de direito e sujeito nominável por seu nome de família, etc.? (DERRIDA, 2003, p. 27) [grifos do autor].

Em um de seus ensaios, Yoko Tawada aborda a concepção de hospitalidade no Japão e na Alemanha, associando-a a situações nas quais o acolhimento deveria ser a postura evidente:

A noção de que um hóspede não tem direitos não é surpresa para a história japonesa. Ainda hoje não é algo natural aceitar refugiados no país. Na Alemanha, a expressão contraditória “trabalhador convidado” [*Gastarbeiter*]⁹, para imigrantes convidados a trabalhar no país, foi inventada e esquecida. A palavra “refugiados”, conserva temerosamente em si o momento da fuga. Não se trata, de forma alguma, de ser hóspede (TAWADA, 2012, p. 93¹⁰).

E acrescenta ainda:

Ser um hóspede (客) significa ser um objeto (客体). Na língua japonesa, não havia palavras para sujeito e objeto. Assim, foi necessário criar novas palavras a partir de ideogramas chineses. A palavra usada para “sujeito”, *shutai* (主体), compõe-se do símbolo para “hospedeiro” (主) e do símbolo

⁹ Em português, traduz-se normalmente a expressão *Gastarbeiter* por “trabalhador imigrante”, mas uma tradução literal para o termo seria “trabalhador convidado”.

¹⁰ Do alemão: *Der Gedanke, dass ein Gast eigentlich keine Rechte hat, ist keine Überraschung für die japanische Geschichte. Heute noch gibt es keine Selbstverständlichkeit, Flüchtlinge ins Land aufzunehmen. In Deutschland wurde das widersprüchliche Wort »Gastarbeiter« für die Gäste, die zum Arbeiten eingeladen sind, erfunden und wieder vergessen. In dem Wort »Flüchtlinge« ist das Moment des Flüchtens ängstlich erhalten. Vom Gast-Sein ist nicht die Rede [tradução minha].*

para “corpo” (体). O sujeito, para mim, é o corpo do hospedeiro. O objeto, por outro lado, assemelha-se ao corpo do hóspede (TAWADA, 2012, p. 94¹¹).

A hospitalidade absoluta, incondicional, oferece ao outro sua própria essência, “sem pedir a ele nem seu nome, nem contrapartida, nem preencher a mínima condição” (DERRIDA, 2003, p. 69), rompendo, assim, com a desigualdade que Yoko Tawada denuncia no excerto acima bem como com os laços contratuais daquela hospitalidade histórica, descrita por Benveniste (1973):

a hospitalidade absoluta deve romper com a lei da hospitalidade como direito ou dever, com o “pacto” da hospitalidade. Em outras palavras, a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e que eu dê não só ao estrangeiro (com um nome de família, com o estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto) nem mesmo seu nome (DERRIDA, 2003, p. 23-25).

Não se trata de um gesto evidente, como não é evidente a serenidade na relação entre hóspede e hospedeiro. No hospedeiro, permanece latente a angústia de ser invadido pelo outro; no hóspede, a de não ser aceito, ser maltratado, rejeitado e abandonado quando se encontra em situação de grande vulnerabilidade. Essa relação complexa e friccional se traduz no conceito de “hostipitalidade” proposto por Derrida, com base nas argumentações de Benveniste, que relaciona a hospitalidade à hostilidade e ao poder. Enquanto a hostipitalidade significa permitir, tolerar a estadia do estrangeiro, do exilado, a hospitalidade significa acolher o outro incondicionalmente.

A hospitalidade, portanto, implica aceitar o risco de não haver qualquer garantia, pois o outro, o hóspede que pode chegar e ir embora sem aviso, esquiva-se a qualquer perspectiva calculada, a qualquer expectativa em relação a suas ações e posições. Não se pode estimar o que ele traz consigo nem o que ele deixa quando se vai. Mesmo conhecendo seu nome e sua origem, não há como determinar os efeitos da sua estadia (SIMMEL, 1908).

O hóspede no conto de Yoko Tawada

No conto “Um hóspede” [*Ein Gast*], Yoko Tawada expõe a carga histórica, social, política e emocional que o sujeito enfrenta em diversas formas de exílio: político, geográfico,

¹¹ Do alemão: *Ein Gast* (客) zu sein, heißt ein Objekt (客体) zu sein. In der japanischen Sprache gab es keine Begriffe für das Subjekt und das Objekt. So schaffte man neue Wörter aus chinesischen Ideogrammen. Das Wort für »Subjekt«, »Shutai« (主体), besteht aus dem Zeichen für »Gastgeber« (主) und dem für »Körper« (体). Also ist das Subjekt für mich der Körper des Gastgebers. Das Objekt hingegen sieht aus wie der Körper des Gastes [tradução minha].

físico, linguístico. Nesse conto, como em muitas de suas obras, ecoam as palavras de Derrida – ciente de jamais possuir a única língua na qual se expressa: “Ora jamais esta língua, a única que assim estou votado a falar, enquanto falar me for possível, e em vida e na morte, jamais esta língua única, estás a ver, virá a ser minha. Nunca na verdade a foi” (DERRIDA, 2001, p. 14). Ecoam também as palavras de Celan – filho judeu da língua alemã: “minha língua materna é a língua dos assassinos de minha mãe” (CELAN apud CAMILO DE OLIVEIRA, 2008, n. p.).

Um dos poemas de Celan (1985, p. 47) chama-se, justamente, “O hóspede”:

Bem antes da noite
te visita alguém que saudou o obscuro.
Bem antes do dia
ele acorda
e ativa, antes de partir, um sono,
um sono ressoando passos:
ficas a ouvi-lo mensurar distâncias,
e é bem lá que lanças tua alma.

Um hóspede que aparece em plena luz do dia, embora sua presença, seus gestos, suas atitudes remetam à escuridão. No meio da noite, ele se vai sem acordar aquele que o hospeda, mas, ao contrário, levando este a um sono profundo, tão profundo que desfaz a distância entre o sonhado e o vivido: um limiar entre mundos. O limiar de Celan, limiar presente também na obra de Yoko Tawada e, ainda, o limiar que define o espaço ocupado por esse hóspede, sempre entre o próprio e o alheio:

(1) O otorrino, doutor Mettinger, deixou a porta entreaberta e ficou esperando que eu entrasse na sala. Assim como todos os outros médicos que já haviam me atendido nesta cidade, ele também queria falar a sós comigo, por trás de uma porta fechada, como se eu tivesse alguma doença e ninguém além dele pudesse saber disso. Fiquei parada no limiar da porta sem conseguir dar nem um passo adiante, embora eu já tivesse me acostumado um pouco a ficar sozinha em uma sala com um homem desconhecido, pois, nesta cidade, até as fruteiras e peixarias têm portas que as separam da vida nas ruas (TAWADA, 2014, p. 102-104¹²).

Para Roberts (2017), esse limiar, presente em “Um hóspede” e em muitas obras de Yoko Tawada, funciona como uma linha de demarcação entre o Ocidente e o Oriente e

¹² Do alemão: *Der Ohrenarzt, Herr Mettinger, hatte die Tür halb geöffnet und wartete darauf, dass ich zu ihm ins Zimmer kam. So wie alle anderen Ärzte in dieser Stadt, die mich schon einmal behandelt hatten, wollte auch er hinter einer geschlossenen Tür ganz allein mit mir reden, als hätte ich eine Krankheit, vor der kein anderer Mensch außer ihm erfahren dürfe. Ich blieb vor der Schwelle stehen und konnte keinen Schritt weitergehen, obwohl ich mich schon ein wenig daran gewöhnt hatte, mit einem fremden Mann allein in einem Raum zu sein, denn in dieser Stadt haben sogar Gemüse- oder Fischläden Türen, die sie vom Straßenleben trennen [tradução minha].*

sugere tanto a perspectiva ocidental sobre o Oriente quanto a perspectiva do outro, o exilado, o hóspede sobre suas experiências no Ocidente. Contudo, pode-se interpretar o limiar, assim como o portal – noções recorrentes na obra de Yoko Tawada –, como um espaço que representa abertura a novas possibilidades (BRANDT, 2007).

Esse limiar é marcado ainda pela língua. “O convite, a acolhida, o asilo, o albergamento passam pela língua ou pelo endereçamento ao outro. [...] a língua é hospitalidade” (DERRIDA, 2003, p. 117 – grifos do autor). Acolher o outro em sua própria língua significa descobrir nas palavras e através delas outra leitura do mundo, outras perspectivas. Significa colocar em prática o que Paul Ricoeur chama de “hospitalidade na língua” [*l'hospitalité langagière*] (RICŒUR, 1999, p. 16): deixar que o outro viva em sua língua, acolhê-lo e acolher sua língua em toda sua estranheza, sem tentar domá-la, assimilá-la, convertê-la – sem obrigá-la ao exílio.

Segundo Piglia (2004), um conto se constrói em torno de uma história que não é contada de forma explícita. Escondida sob a história narrada na superfície, oculta-se outra: a história que o conto realmente quer contar. Em “Um hóspede”, a narrativa superficial conta as experiências e percepções, por vezes insólitas, de uma japonesa que vive na Alemanha, tematizando as consequências do deslocar-se para fora da sua língua primeira. Já a narrativa oculta trata da hospitalidade, da aceitação e do acolhimento ao outro que se encontra, de alguma forma, exilado.

No conto, a protagonista compra um áudio-romance e a voz que narra a história se transforma em uma saída do exílio que a protagonista experimenta e que é representado pela língua alemã e pelo alfabeto romano – elementos com os quais ela trava uma batalha constante quando tenta ler um texto:

(2) Uma voz feminina começou a ler o romance. Depois de algum tempo, percebi que eu me encontrava em meio ao cenário do romance. Embora o enredo não me interessasse nem um pouco, eu entrei no romance como alguém entra acidentalmente numa casa sem porta ou paredes. Não vi nenhum limiar ante o qual eu pudesse refletir se queria ou não entrar. [...] Desde que moro aqui, nunca mais consegui entrar em um romance. Eu leio e leio, mas o alfabeto nunca desaparece da frente dos meus olhos – ele permanece como se a língua estivesse atrás das grades [...] (TAWADA, 2014, p. 109-111¹³).

¹³ Do alemão: *Eine weibliche Stimme begann, den Roman vorzulesen. Nach einer Weile bemerkte ich, dass ich mich mitten in der Landschaft des Romans befand. Obwohl die Handlung mich gar nicht interessierte, trat ich in den Roman hinein, wie man aus Versehen ein Haus ohne Tür und Wände betritt. Ich hatte keine Schwelle bemerkt, vor der ich mir hätte überlegen können, ob ich hineingehen will oder nicht. [...] Seitdem ich hier lebe, ist es mir noch nie gelungen, in einen Roman hineinzutreten. Ich lese und lese, aber das Alphabet verschwindet nie vor meinen Augen, sondern es bleibt wie ein Gitter [...] [tradução minha].*

O excerto acima proporciona ainda outra relação com Paul Celan e seu poema *Sprachgitter* [Língua atrás das grades]: o dígrafo ‘tt’ da palavra *Gitter* [grade] reforça visualmente a noção de emprisonamento, de clausura.¹⁴ Em português, o encontro consonantal ‘gr’ em “grade” poderia provocar, em um falante japonês, uma espécie de emprisonamento sonoro – característico do exílio linguístico. Yoko Tawada discute sua dificuldade com a pronúncia de palavras nas quais as consoantes se encontram sem o amparo de uma vogal em várias obras, como ilustra o seguinte excerto:

Mas, para mim, isso é organicamente impossível. Se o ‘n’ não for seguido por uma vogal, é impossível atrair a língua para a frente. Portanto, por exemplo, não posso dizer ‘vontade’ [...]. Se ao menos houvesse um ‘o’ ali no meio! Eu poderia dizer ‘vonotade’ sem esforço. E porque não posso ter uma ‘vonotade’ em vez de uma vontade? Se um dia eu não precisar mais do ‘o’, posso largá-lo. Até lá, vou manter minha vonotade (TAWADA, 2016, n. p.¹⁵).

A análise de “Um hóspede” evoca as seguintes questões: quem é esse hóspede? “Um substantivo? Um nome? Uma coisa? Um homem? Uma mulher?” (BARTHES, 2002, p. 17¹⁶). Inicialmente, o hóspede parece ser a voz intrusa e estranha do áudio-romance que se apossara da casa e do corpo da personagem japonesa, como ilustram os seguintes excertos:

(3) “Eu não estou com visitas, mas às vezes uma mulher aparece aqui de repente e... Quer dizer, não é uma mulher, é apenas a voz de uma mulher. Porque a voz consegue penetrar em qualquer lugar e...”
 “Uma mulher?” Perguntou ele desconfiado.
 “Não. Uma voz, não uma mulher” (TAWADA, 2014, p. 113¹⁷).

(4) Lutar contra uma doença, parecia-me falta de respeito. Já que ela estava ali, era preciso aceitá-la com consideração. Por vezes, eu tentava considerar aquela voz também como uma doença e me comportava de acordo. Mas, ao contrário de outras doenças, eu não desejava que um dia ela me deixasse definitivamente (TAWADA, 2014, p. 129¹⁸).

¹⁴ Yoko Tawada faz referência ao dígrafo ‘tt’ em outro poema de Celan no ensaio “Die Krone aus Gras: Zu Paul Celans ‘Die Niemandrose’” [“A coroa de grama: para “A rosa de ninguém”, de Paul Celan”] (cf. PAVAN, 2019).

¹⁵ Do alemão: *Aber es ist für mich organisch nicht möglich. Wenn dem »n« kein Vokal folgt, ist es unmöglich, die Zunge nach vorne zu locken. Daher kann ich zum Beispiel nicht »Wunsch« sagen [...]. Wenn bloß ein »o« dazwischen stehen würde! »Wunosch« könnte ich mühelos sagen. Also warum sollte ich nicht einen »Wunosch« haben anstatt eines Wunsches? Wenn ich eines Tages das »o« nicht mehr brauche, kann ich es fallen lassen. Bis dahin werde ich meinen Wunosch behalten* [tradução minha].

¹⁶ Do inglês: *A noun? A name? A thing? A man? A woman?* [tradução minha].

¹⁷ Do alemão: *Ich habe keinen Besuch, aber es passiert mir manchmal, dass eine Frau plötzlich da ist und ... ich meine nicht eine Frau, sondern eigentlich nur die Stimme einer Frau. Weil die Stimme überall eindringen kann und ..*

Eine Frau?, fragte er misstrauisch noch.

Nein, eine Stimme, nicht eine Frau [tradução minha].

¹⁸ Do alemão: *Gegen eine Krankheit zu kämpfen erschien mir respektlos. Wenn sie schon da war, musste man sie auch aufmerksam aufnehmen. Manchmal versuchte ich, jene Stimme ebenfalls als eine Krankheit zu*

Contudo, outras personagens, que se comportam de forma igualmente estranha, e até intrusiva, começam a surgir no texto. Destas, destacam-se o vizinho da protagonista, Z, e o dono do romance em formato impresso, Simon.

A chegada de Simon está relacionada à procura da protagonista pelo romance em sua concretude – sua forma impressa, pois ela acredita que essa concretude fará com que pare de ouvir a voz que narra o romance. Embora tenha procurado por alguém que possuísse o livro impresso, a protagonista não convida Simon para permanecer com ela, queria apenas comprar o livro. Ele, contudo, permanece em sua casa sem ter sido realmente convidado a ficar:

(5) “Continue lendo. Você queria ler este romance, não é mesmo? Eu posso ficar aqui até que você tenha terminado de lê-lo. A única coisa, como já havia lhe dito, é que não posso vendê-lo – por causa das impressões digitais. [...] Ele continuou sentado ali tranquilamente e volta e meia repetia: Você pode ler o livro até o fim sem pressa. Eu fico aqui até que você termine” (TAWADA, 2014, p. 134¹⁹).

Tanto a voz quanto Z e Simon entram na vida da protagonista, permanecendo em sua casa sem convite: visitas imprevisíveis, hóspedes inesperados.

Como observa Köhler (2006), a noção de “hóspede” está associada a uma situação passageira, “pensa-se em uma figura que está visitando um lugar não familiar, ou seja, que vai ficar por um período limitado de tempo e só estará presente “transitoriamente”, por assim dizer” (KÖHLER, 2006, p. 162²⁰) [grifos da autora]. Essa transitoriedade é bem marcante nas figuras de Z e de Simon e mesmo na voz do áudio-romance.

Contudo, quando se considera a noção de hospitalidade – e, conseqüentemente, de hóspede – proposta por Derrida (2003), ampliam-se as perspectivas em relação ao “hóspede” do conto. Ela mesma, a protagonista japonesa que vive na Alemanha, que experimenta – e estranha – a língua e os costumes daquele país e que, em momento algum, confia-nos seu nome, pode também ser o hóspede, mesmo que em nenhum lugar do texto se discuta a transitoriedade da sua estadia.

betrachten, und verhielt mich entsprechend. Aber anders als bei anderen Krankheiten wollte ich nicht, dass sie mich eines Tages endgültig verließ [tradução minha].

¹⁹ Do alemão: *Lesen Sie weiter. Sie wollten doch gerne diesen Roman lesen. Ich kann so lange hier bleiben, bis Sie ihn durchgelesen haben. Nur, wie gesagt, ich kann Ihnen das Buch nicht verkaufen, wegen der Fingerabdrücke. [...] Er saß ruhig da und wiederholte immer wieder: Sie können das Buch in Ruhe zu Ende lesen. Ich bleibe hier, bis Sie fertig sind* [tradução minha].

²⁰ Do alemão: *man denkt an eine Figur, die an einem fremden Ort zu Besuch ist, d. h. eine begrenzte Zeit verweilen und gewissermaßen nur <übergangsweise> zugegen sein wird* [tradução minha].

Através de sua escrita exofônica, Yoko Tawada abandona espaços fixos e predeterminados, percebendo e acolhendo o outro – o hóspede, o estranho – sem importar quem ele seja, sem importar a extensão da sua permanência e, sobretudo, sem obrigá-lo ao exílio.

Considerações finais

Acolher o outro exilado significa romper com estereótipos e mitos que provocam a profunda distância entre exílio e hospitalidade. A obra de Yoko Tawada pratica esse rompimento. Talvez exatamente por escrever em duas línguas e inserir-se em dois contextos nacionais em que o mito de uma nação monolíngue e homogênea está profundamente enraizado, ela sinta um impulso de abalar a língua e provocar terremotos que lhe abram fendas. Assim, cria um espaço que aponta para uma visão mais ampla e mais fluida do fazer literário, característico da sua escrita: “[...] o espaço entre duas línguas não é um entre lugar, é o espaço concreto, no qual a literatura é escrita” (TAWADA apud SAALFELD, 2016, n. p.²¹). Yoko Tawada escolhe permanecer nessa fenda, na fronteira, no espaço entre as línguas, entre culturas, entre definições rígidas.

A hospitalidade pressupõe incondicionalidade: abrir as portas do lar, abrir-se para aquele que vem de fora – que não foi convidado, que não é esperado, que desacomoda: totalmente imprevisível. Sem julgar sua classe, sua etnia, seu gênero, se vem do leste ou do oeste. Sem esperar que diga seu nome, que comprove sua ascendência e sua identidade, que exponha sua história. A hospitalidade significa não deixar que o hóspede permaneça no limiar da porta, sem saber se entra ou se vai embora. Além disso, a hospitalidade reinventa a língua, as relações, as culturas, porque está aberta a outras formas de perceber a alteridade.

Em “Um hóspede”, a narrativa oculta (PIGLIA, 2004) insurge-se contra a discriminação, o preconceito, a violência, o silenciamento da voz do outro e leva o leitor ao encontro da alteridade inscrita na prática literária de Yoko Tawada, parte indivisível da escrita e da escritora, do sujeito e do objeto. Uma escrita exofônica que oferece – e reclama – um acolhimento incondicional.

²¹ Do alemão: [...] *der Raum zwischen zwei Sprachen ist kein Zwischenraum, sondern der eigentliche Raum, in dem die Literatur geschrieben wird* [tradução minha].

Referências

- ARENS, Hiltrud. Das kurze Leuchten unter dem Tor oder auf dem Weg zur geträumten Sprache: Poetological reflections in works by Yoko Tawada. In: SLAYMAKER, Doug (Org.). **Voices from Everywhere**. Plymouth: Lexington Books, 2007. E-book.
- BARTHES, Roland. **S/Z**. Trad. Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BENVENISTE, Emile, **Indo-European Language and Society**. Trad. Elizabeth Palmer. Coral Gables: University of Miami Press, 1973.
- BRANDT, Bettina. The Unknown Character: Traces of the Surreal in Yoko Tawada's Writings. In: SLAYMAKER, Doug (Org.). **Voices from Everywhere**. Plymouth: Lexington Books, 2007. E-book. 2007.
- CAMILO DE OLIVEIRA Mariana. Catástrofe e sublimação na poesia de Paul Celan: apontamentos sobre uma dor que dorme com as palavras. **Psychê**. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200005#5a. Acesso em: 02 Abr. 2020.
- CELAN, Paul. **Hermetismo e Hermenêutica: Paul Celan: Poemas** Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1985.
- DERRIDA, Jacques. La lengua no pertenece. Entrevista con Évelyne Grossman. **Diario de Poesía**, 2001.
- DERRIDA, Jacques. Entrevistado por Anne Dufourmantelle. Trad. Antonio Romane. In: **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.
- ETTE, Ottmar. A transarealidade das literaturas do mundo. América Latina entre Europa, África, Ásia e Oceania. Trad. Cláudia Fernanda Pavan. In: NEUMANN et al. (Org.). **Arquipélagos. Estudos de Literatura Comparada**. Porto Alegre: Ed. Bestiário, 2018.
- ETTE, Ottmar. **ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz**. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2005.
- IVANOVIC, Christine. Exophonie, Echophonie: Resonanzkörper und polyphone Räume bei Yoko Tawada. In: IVANOVIC, Christine. **Gegenwartsliteratur: Ein germanistisches Jahrbuch**. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2008, p. 223-247.
- KÖHLER, Sigrid G. **Körper mit Gesicht: rhetorische Performanz und postkoloniale Repräsentation in der Literatur am Ende des 20. Jahrhunderts**. Köln/Weimar: Böhlau Verlag, 2006.
- PAVAN, Cláudia F. As vozes que habitam a obra de Yoko Tawada: uma tradução comentada do "conto" Ein Gast. 2019. Dissertação (mestrado em estudos literários). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 111 p., 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201528/001104649.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 jun. 2020.
- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- RICŒUR, Paul. Le paradigme de la traduction. **Esprit** (1940-), p. 8-19, 1999.
- ROBERTS, Lee M. Critique of Japan as an East-West Literary Hybrid in Yoko Tawada's Kafka Kaikoku. **Foreign Language Education Research**, v. 20-21, 2017.
- ROLNIK, SUELY. Episódios do Sul: Quando as palavras se deslocam do inconsciente colonial. **Revista Humboldt**, 2017.
- SAALFELD, Lerke von. Yoko Tawada: Im Bann der Sprache. **Daad.de**, 2018. Disponível em: <https://www.daad.de/der-daad/daad-aktuell/de/50423-yoko-tawada-im-bann-der-sprache/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Para uma filosofia do exílio: A. Rosenfeld e V. Flusser sobre as vantagens de não se ter uma pátria. **Revista eletrônica do NIEJ/UFRJ**, 2010.

SIMMEL, Georg. **Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung**. Berlin: Duncker & Humblot, 1908.

TAWADA, Yoko. Dejima – Die Seefahrt der Sprachen. II. Poetikvorlesung. In: GUTJAHR, Ortrud (Org.). **Yoko Tawada. Fremde Wasser. Vorlesungen und wissenschaftliche Beiträge**. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2012.

TAWADA, Yoko. Ein Gast. In: TAWADA, Yoko. **Wo Europa anfängt & Ein Gast**. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2014.

TAWADA, Yoko. **Ekusofonii: bogo no soto he deru tabi**. Tóquio: Iwanami, 2003.

TAWADA, Yoko. Zungentanz. In: TAWADA, Yoko. **Überseetzungen**. Literarische Essays. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke 2016 - E-book.

TYERNEY, Robin Leah. **Japanese literature as world literature: visceral engagement in the writings of Tawada Yoko and Shono Yoriko**. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) University of Iowa. Iowa, 253 p., 2010. Disponível em: <https://ir.uiowa.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1935&context=etd>. Acesso em: 14 mai. 2020.